

Artistas no palanque

No calor da campanha eleitoral, alguns artistas podem se queimar

A turma que encheu as urnas brasileiras no último dia 15 afastou da presidência — sem distinção ideológica — tudo o que poderia ser associado às velhas práticas políticas. Além dos políticos antigos e antigos políticos, os artistas também não funcionaram tanto nesta campanha quanto nos bons tempos de outrora. O resultado do primeiro turno e a reação dos eleitores/fãs provaram que um rosto conhecido e um depoimento óbvio já não influenciavam tanto no futuro político do país. Afinal, a ligação entre os artistas e os candidatos tem mão dupla. Os artistas que tentam transferir sua popularidade para determinados candidatos enfrentam, em sentido contrário, a responsabilidade de receber um rótulo político. Como em qualquer estrada brasileira, este vai e vem pode provocar acidentes.

Pouco depois da largada da corrida presidencial, a cantora Elba Ramalho assinou contrato para shows em comícios do candidato Fernando Collor de Mello. Não podia imaginar, no entanto, a censura de alguns de seus compositores favoritos: Chico Buarque, Capinam e Geraldinho Azevedo estavam dispostos a impedir que Elba cantasse canções deles no palanque do ex-governador de Alagoas.

A pressão e o risco de perder o repertório transformaram a cantora em eleitora do comunista Roberto Freire. No dia da eleição ela mudou mais uma vez e votou em Leonel Brizola. Não se pode dizer que a confusão eleitoral de Elba Ramalho tenha ajudado algum candidato. Porém, segundo informações obtidas na gravadora PolyGram, a instabilidade eleitoral da cantora prejudicou as vendas de seu LP *Popular brasileira*.

Tão popular e brasileira quanto Elba Ramalho, a atriz Marília Pêra sofreu por ter democraticamente *collorido*. Seu candidato partiu vitorioso para o segundo turno, mas Marília frustrou uma boa parcela de seu público. Foi duramente criticada através de palavras de seus colegas e atos do público. Poucos dias antes da eleição, na saída do Teatro Jardel Filho, onde está apresentando a peça *Elas por ela*, Marília foi cercada por uma passeata de petistas.

Ela e o público sentiram-se "acoados", segundo matéria paga publicada nos jornais do dia 15, onde a atriz também se declara "tão ignorante quanto a maioria do povo brasileiro". Como um político que troca de partido, Marília Pêra frustrou parte de seus fãs por ter *collorido* depois de, em 1968, ter sido alvo do Comando de Caça aos Comunistas. Naquele ano ela integrava o elenco da peça *Roda viva* quando aconteceu o incidente com o grupo direitista.

Depois de ter apoiado os derrotados Miro Teixeira, em 82, e Darcy Ribeiro, em 86, candidatos ao governo do Rio, Chico Buarque de Hollanda conseguiu uma vitória nas urnas. Apoiou o candidato petista Luis Inácio Lula da Silva — que, junto com Collor, chegou ao segundo turno — e livrou-se de uma incômoda fama de pé frio eleitoral.

Junto com a estrela petista sobe também a estrela do ator Paulo Betti, o Timóteo da novela global *Tieta*. Membro fundador do PT, Betti está convencido de que a coerência e a honestidade de sua trajetória, sempre ligada ao PT, acaba por convencer o eleitorado da coerência e honestidade da candidatura de Lula à Presidência da República. Ao mesmo tempo, ele também acredita estar adquirindo prestígio profissional graças ao seu engajamento sério.

"O PT é um partido estrela, com ascendente em Aquário, que viaja no amanhã. Os artistas do PT são flores de um jardim. Todo petista é um artista do novo", declara o teatrólogo Paulo Cesar Coutinho. A convicção de estar atuando do lado mais progressista da sociedade afasta dos artistas petistas qualquer preocupação com possíveis perdas profissionais por motivos políticos.

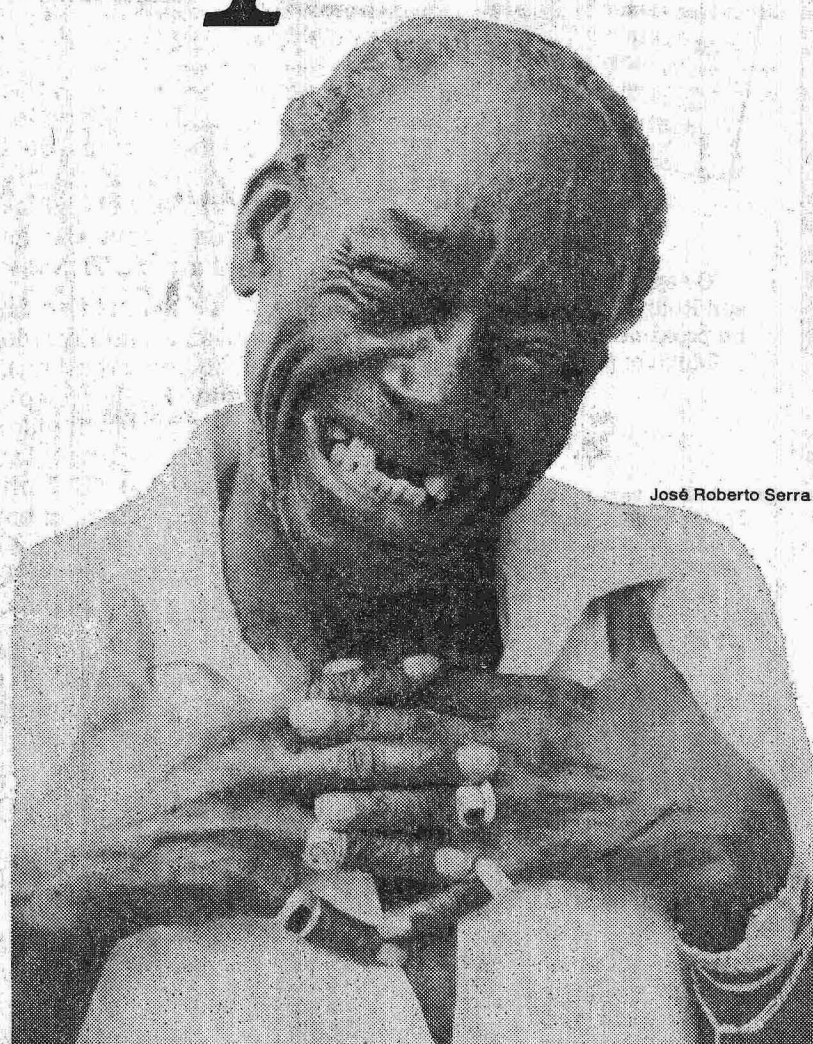
Sem medo de perder o financiamento da *burguesia* para suas peças, Paulo Cesar afirma que está cada vez mais amigo do patrocinador de seus quatro últimos espetáculos — Robert Broughton, presidente da multinacional Shell. "Num jantar na casa da Tônia Carrero ele me perguntou, brincando, se o PT ia expulsá-lo do país", conta o teatrólogo, antes de continuar: "Eu disse que só os especuladores iriam se dar mal e que ele estava livre do paredão. Ficou tudo numa boa. Precisamos mostrar que o PT não é um bicho papão."

A modernosa *Tieta*, principal personagem da novela global das 20h30, se tivesse que escolher, seria com certeza petista como Betty Faria, sua intérprete. A atriz Regina Duarte, apesar de não acreditar que os eleitores possam confundir a cidadã com seus personagens de ficção, recriava a viúva Porcina nos comícios nordestinos de Mario Covas. O sucesso da viúva Porcina — da novela *Roque Santeiro* — não foi suficiente para levar o PSDB ao segundo turno, mas pode ter garantido alguns dos muitos votos que deram a Covas o quarto lugar geral. Nomes de peso como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Beth Carvalho e Maitê Proença apoiaram o derrotado Leonel Brizola e não conseguiram levar o nome de seu candidato além das fronteiras do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul.

Pode-se dizer que foi uma campanha atípica, pelo menos quanto à participação de artistas. Só o fato de Fafá de Belém não ter apoiado publicamente ninguém já é um espanto. Escaldada em antigos palanques, Fafá preferiu ficar quieta. Desta batalha onde mergulharam com igual afino artistas e políticos, poucos saíram ilesos. Entre estes poucos está, por exemplo, a jovem cantora gaúcha Adriana Calcanhoto. "Trabalhei na campanha do Freire, organizei comícios, meti a mão na massa", diz ela. "Não sei se minha imagem vai ser associada ao meu candidato. Ninguém me conhece ainda. E as pessoas me identificam na rua como aquela menina comunista que canta nos comícios do Freire", conta. Nem sempre o artista que apoia o candidato vencedor vence junto com ele. Por outro lado, nem todo artista que apoia um perdedor sai derrotado da campanha. O quadro abaixo comprova este fenômeno.



Adriana Calcanhoto



Tião Macalé



Claudia Raia



Maitê Proença



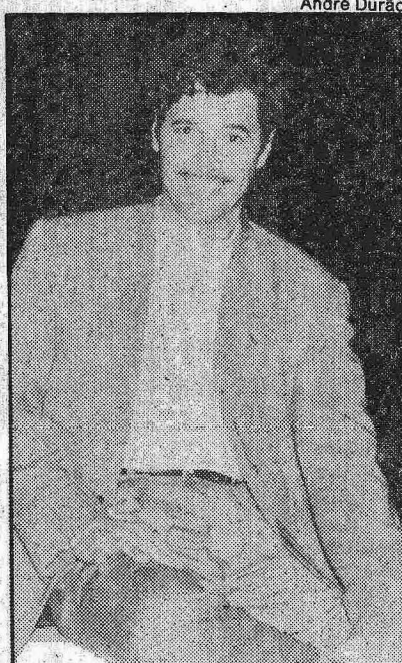
Tereza Rachel



Caetano Veloso



Regina Duarte



Paulo Betti



Hebe Camargo

Quem ganhou

Chico Buarque — Não conseguiu eleger seu candidato nas duas últimas eleições para o governo do Rio de Janeiro. Desta vez, depois de abrir sua casa para reuniões com diversos candidatos, optou por Lula, que continua na luta. Fafá de Belém ficou sozinha no trono de pé frio eleitoral.

Paulo Betti — Membro fundador do Partido dos Trabalhadores, o ator já fez propaganda até para candidatos a vereador pelo PT. Com sua imagem explicitamente associada à do partido, Paulo Betti sobe junto com a estrela.

Claudia Raia — Ela é uma espécie de Paulo Betti do PRN. "Sei que influencio as pessoas, que fazer campanha para alguém é uma atitude de responsabilidade", analisa. "Mas minha coisa com o Fernando Collor é muito forte. Ele diz que eu sou o pé de coelho dele. Até o segundo turno vou continuar em campanha." Ela não sabe, mas a atriz favorita de Collor é Vera Fischer, que fez campanha para Roberto Freire.

Elizabeth Savalla — Depois de atuar na campanha de Moreira Franco em 82 — quando o atual governador do Rio de Janeiro foi candidato derrotado pelo PDS —, a atriz se redimiu. Na época, ela recebeu cachê e declarou que vender a imagem de Moreira era a mesma coisa que vender sabonete. Nesta eleição, defendeu Ulysses Guimarães amparada mais por convicção política que por necessidade profissional. Saiu ganhando.

Tereza Rachel — A rainha estabana da novela *Que rei sou eu?* *colloriu*. "Não sou do Ibope, não sei da minha influência sobre o eleitorado. Mas supõe-se que ela exista, tanto é que nós artistas somos convidados para fazer comerciais. Não levei em conta posições contrárias, porque o que vale é a minha maneira de pensar. Mas admito que partidários de Lula, que são os mais calorosos, entusiastas, alguns até fanáticos, podem vir a criticar minhas atuações." Até agora, nem os petistas ligaram para a opção de Tereza Rachel. Foi melhor assim: ela saiu da campanha sem arranhões.

Caetano Veloso — Caetano não cantou, mas convenceu. Seu depoimento em favor de Leonel Brizola foi impressionante, porém tardio. Ele ganhou com seu discurso por Brizola, mas não levou seu candidato ao segundo turno. Aguarda-se sua posição para a nova fase da eleição.

Adriana Calcanhoto — "O depoimento do Caetano no programa do PDT fez muita gente votar no Brizola, mas eu não sou o Caetano, não falo como ele, então resolvi cantar no programa e nos comícios de Freire", explica a jovem artista gaúcha. "Prefiro meter a mão na massa a dar um depoimento frio, que não diz nada." Freire perdeu, mas ajudou a popularizar a Calcanhoto.

Quem perdeu

Tião Macalé — Depois de apoiar Fernando Collor, mergulhou de cabeça na campanha de Afonso Camargo. O candidato do PTB teve uma votação de envergonhar Getúlio Vargas, apesar de Macalé ter anunciado até vale-dentadura.

Elba Ramalho — Indecisão total. Queria cantar nos palanques de Collor, mas foi desaconselhada por sua equipe. Pulou do PRN para o PCB de Freire. No último dia 15 ouviu o apelo de seu filho e mudou de novo: Votou em Brizola. Seu voto para o segundo turno é suspeito.

Maitê Proença — Esteve nas telinhas nacionais em anúncios de condomínio na Barra da Tijuca e no horário eleitoral de Leonel Brizola. Sobre o condomínio não se sabe, mas o candidato ela não conseguiu vender.

Marília Pêra — Em plena festa democrática eleitoral, foi duramente atacada por ter *collorido*. Seu posicionamento político não vai deixar marcas na sua carreira. Já deixou.

Ricardo Petraglia — Malufou e agora, acreditem, vai votar em Lula. Esteve na televisão citando Raul Seixas para explicar porque Maluf é o mais competente. Seu candidato perdeu a eleição, mas Petraglia pode se candidatar a maluco beleza.

Hebe Camargo — Nos últimos meses invadiu os lares com TV em três frentes: seu programa semanal, anúncios de supermercado e na campanha por Paulo Maluf. Até agora ninguém das Casas da Banha se queixou. Mas seu carisma não foi suficiente para vender o candidato.

Regina Duarte — Entusiasta do PSDB, está em cima do muro. "Estou muito desapontada com o fato de o Covas não ter ido para o segundo turno", admite. "Ainda não sei quem vou apoiar, mas não volto a fazer campanha. Minha participação teve mais a ver com meu lado pessoal, de mulher, cidadã, e não deve influenciar na minha carreira."